

MULHER-MÃE: AS PERFORMANCES NOS CONTOS *IRA DAS MÃES* DE ALTAIR MARTINS E *XX + XY* DE GIOVANA MADALOSSO

Luana de Carvalho Krüger⁹¹

Resumo: Os contos *Ira das Mães* de Altair Martins e *XX + XY* de Giovana Madalosso apresentam como tema da narrativa a mulher-mãe, de modo que encontramos durante a leitura questionamentos que passam pelas performances de mulher e se colocam frente à ideais de maternidade. A partir dos estudos de Simone de Beauvoir (2016) e Judith Butler (2016) procuraremos observar como a mulher é compreendida nesses contos e porque a ideia de mulher-mãe é enfatizada a ponto de anular a performance de sujeito-mulher. Nesse artigo, procuraremos refletir acerca da maternidade idealizada na sociedade contemporânea observando como ela é manifestada nos dois contos propostos.

Palavras-chave: Mulher; Estudos de Gênero; Feminismo; Maternidade.

Abstract: The short stories *Ira das Mães* written by Altair Martins and *XX + XY* written by Giovana Madalosso present the mother-woman as the theme of the narrative that during the reading we find questions that pass through the performances of women and stand in the face of ideals of motherhood. From the studies of Simone de Beauvoir (2016) and Judith Butler (2016) we will observe how the woman is understood in these stories and why the idea of woman-mother is emphasized to the point of canceling the performance of the woman herself. In this paper, we will reflect on the idealized maternity in contemporary society observing how it is manifested in the two proposed short stories.

Key-words: Woman; Gender Studies; Feminism; Motherhood.

⁹¹ Graduada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado Acadêmico em Literatura Comparada da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Bolsista CAPES/FAPERGS.

Introdução

O conto *Ira das Mães*, que abre o livro *Se Choverem Pássaros*, de Altair Martins, publicado em 2002, aborda a história de uma personagem que em uma tarde de sexta-feira no verão na cidade de Porto Alegre encontra-se parada em um semáforo e, a medida em que reflete sobre a perda do seu filho, vê uma cena que a desassossega: um homem, ao invés de dar uma moeda para um menino no semáforo, queima-o a mão com o seu cigarro. O narrador, em terceira pessoa, nos coloca na história a partir da perspectiva dessa mãe que, já não tendo mais o filho, revolta-se com a atitude desse homem que nunca sentirá apego pelo menino, pois nunca desempenhará a performance de mãe.

XX + XY de Giovana Madalosso é o conto de abertura do livro *A Teta Racional* publicado em 2016. Esse conto apresenta uma narrativa acerca da maternidade de uma mãe solteira e como ela reage diante à desafios e conflitos pessoais e sociais. Os leitores são apresentados à uma narradora-personagem que conta suas lembranças, ao mesmo tempo em que relata suas experiências durante a maternidade, fazendo alguns *flashbacks* anteriores ao nascimento do filho. Nesse conto, há uma mulher que fala aquilo que sente, quebrando os tabus de uma maternidade perfeitamente entendida pelos padrões sociais atuais.

Nos contos há duas perspectivas diferentes da ideia de mulher-mãe, sendo o primeiro mais aproximado da idealização da maternidade, colocando a mulher como esse indivíduo que tem a maternidade como algo intrínseco, que é parte de toda a mulher. O próprio título do conto já permite que percebamos a ideia de algo que é coletivo, parte de todas as mulheres, que desperta uma ira materna quando uma criança é ameaçada. Observamos o que Simone de Beauvoir (2016) já dizia no livro *O Segundo Sexo* afirmando que um dos papéis da mulher, além dos trabalhos domésticos, seria a maternidade, o que além de historicamente previsto, também seria algo atrelado as mulheres, ou seja, algo que caminha como uma essência da mulher e que se comprova quando pensamos na função da mulher desde o período feudal, que embora venha sendo desconstruída desde então ainda se mantém presente no discurso misógino (BEAUVOIR, 2016, p.17).

Todavia, no conto de Giovana Madalosso somos apresentados à uma perspectiva diferente em que a mulher não se sente nem um pouco preparada para ter esse filho, além disso, apesar de amar o seu filho, mantém velado muitos de seus sofrimentos: a solidão de ser uma mãe

solteira, cenas cotidianas (porém não faladas), suas dificuldades e seu cansaço extremo que, se contado, poderá ser entendido como uma rejeição ao filho. Nesse conto, há a subversão da idealização da maternidade, a quebra de padrões dessa mãe perfeita apresentados pelo discurso dessa narradora-personagem que sem negar a maternidade e rejeitar o filho, questiona os padrões idealizados de ser mãe.

Nosso objetivo, nesse trabalho, é através de um estudo comparatista com foco nos estudos de gênero, apontar e discutir acerca das performances de mulher-mãe nos contos citados, observando como ela é manifestada nos contos, colocando os pontos que consideramos similares e também aqueles que se distanciam nos dois contos. Procuraremos, nessa análise, compreender como o sujeito-mulher nos dois contos é anulado para a compreensão de um sujeito-mãe a ponto de quase tornarem-se personagens/indivíduos distintas, colocando mulher e mãe como performances antagônicas. Para tanto, usaremos como reflexão teórica os estudos de Simone de Beauvoir (2016) e Judith Butler (2016), além de outros teóricos e teóricas feministas que apresentam discussões sobre esse tema, procurando compreender o papel da mulher na sociedade e como isso é refletido nos contos. Consideramos importante basear nossa análise literária a partir da discussão dessas duas autoras, pois compreendemos que ainda que elas tenham pontos de divergências e escrevam em diferentes momentos históricos dos estudos feministas, podem se complementar para entendermos as discussões acerca da maternidade e a compreensão da mulher-mãe, ou seja, questionamentos pertinentes que possibilitarão nossa análise.

A maternidade idealizada

Como sujeitos pertencentes a um meio social sabemos que é comum a influência que recebemos, tal influência vem juntamente com a história e em muitos casos permanece ainda com valores que estão sendo reproduzidos há muito tempo e não, necessariamente, correspondem à realidade. Ao pensarmos na maternidade idealizada, foco do trabalho, podemos dizer que “[p]ara as mulheres, [a maternidade] é uma fonte de identidade, o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida” (PERROT, 2017, p. 68). Ou seja, uma característica biológica e simbólica que diferencia as mulheres dos homens e que carrega consigo significados históricos que caracterizam e explicam modelos repressivos do corpo feminino e do gênero.

Um desses aspectos que ainda permanece fortemente presente na nossa sociedade é o da *maternidade idealizada*⁹², mais do que isso da determinação da mulher em ser mãe. Simone de Beauvoir (2016), quando trata dos aspectos históricos das discussões sobre as mulheres no livro *O Segundo Sexo* diz que desde o período feudal mulheres são tratadas como uma propriedade do dono daquele espaço de terra, incluindo aqui a esposa do senhor feudal. É com esse período histórico que começam as discussões acerca do lucro de um homem perante o trabalho dos outros, o que temos, logo, é um homem que estaria sendo servido e que comandava outros homens para lucrar com isso (BEAUVOIR, 2016, p. 118). Assim, “[...] [o] homem não aceitará, portanto, partilhar com a mulher nem os seus bens nem os seus filhos. [...] a mulher não é elevada à dignidade de pessoa; ela própria faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido” (BEAUVOIR, 2016, p. 118).

Pode-se facilmente questionar, qual seria, portanto, o papel da mulher nesse espaço de dominação? À ela era destinado os afazeres domésticos de uma casa onde o dono era o senhor de toda a terra, bem como a maternidade cujo o dono do filho era esse mesmo senhor. Somos apresentados a relação direta da mulher com a economia, ou seja, se a mulher não trabalhava e conseqüentemente não gerava lucros, ela era minimizada. Sendo ela inferior inclusive aos homens que trabalhavam para o senhor feudal, restava-lhe os trabalhos domésticos e a maternidade, ou seja, a mulher tornou-se *do lar*.

Percebemos, então, que a mulher, assim como os homens que trabalhavam nesse espaço, servia ao senhor feudal, de modo que inclusive a educação dos filhos era limitada, pois ela não poderia ensinar-lhes tudo. “Os trabalhos domésticos a que está voltada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência” (BEAUVOIR, 2016, p. 98). Entendemos aqui o papel da mulher como sendo simplesmente relacionado ao seu papel biológico de reprodução da espécie, que fazem da maternidade “um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher” (PERROT, 2017, p. 69). É nessa mesma perspectiva que caminhamos hoje, ainda que tenhamos avançado em muitos aspectos, como o direito ao trabalho, direito ao voto, ampliação da mulher nos espaços políticos, entre outros, temos ainda a ideia da maternidade como algo que é

⁹² Que carrega mais significado que o próprio conceito de maternidade puramente.

intrínseco a todas as mulheres e que é desempenhado de forma natural. Há o que consideramos certo definir como a maternidade idealizada que, não obstante, também é fortemente representada nos espaços midiáticos e que, mesmo nem sempre retratando a verdade, ainda são fontes de grandes influências na sociedade.

[...] [P]ode-se freqüentemente identificar sentimentos de dúvida e ambivalência no discurso espontâneo das mulheres contemporâneas quando se vêm envolvidas com as questões da maternidade. Muitas se culpam por não sentir ou não agir de acordo com os modelos valorizados na sociedade, com normas inconscientemente internalizadas que se reproduzem através das gerações, integram a subjetividade feminina e modelam papéis. Estas mulheres podem se sentir assim por não amarem incondicionalmente seus filhos, sentirem raiva ou frustração pelo nascimento de uma criança, o que não corresponde àqueles ideais normativos internalizados (TOURINHO, 2006, p. 5).

A identificação da mulher-mãe que definimos dessa maneira, pois acreditamos que a performance diante da maternidade é socialmente conectada a anulação da performance de mulher. Ao tornar-se mãe a mulher necessariamente deveria deixar de desempenhar outros papéis que não “cabem” a mulher-mãe, que não seriam adequados e que são impostos diariamente a todas as mulheres que caminham para o desvio dessa norma. Dessa maneira, além de todas as imposições colocadas as mulheres, existem outras séries de imposições colocadas as mulheres-mães. “O primeiro problema é o da concepção: ter ou não ter a criança. Conceber ou não. A mensagem do Anjo Gabriel é válida para todas as mulheres que passam, todas ou quase todas, pela anunciação, desejada ou temida, da maternidade próxima” (PERROT, 2017, p. 69).

Tourinho (2006), no artigo intitulado *A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade*, diz que: “[...] depositou-se no ideal da mãe perfeita a responsabilidade pela unidade familiar e pela garantia ao homem de maior disponibilidade para outras obrigações sociais: a mãe ideal conjugaria perfeitamente sexo, estabilidade conjugal e responsabilidade com os filhos” (TOURINHO, 2006, p. 4). Dessa maneira, não uma mulher, mas uma mãe desempenha um papel

fundamental na sociedade. Ela só é reconhecida como indivíduo a partir da maternidade, pois é quando apresenta uma contribuição social relevante e que não pode ser desempenhada pelo homem. “Como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle de natalidade uma questão em evidência” (PERROT, 2017, p. 69). Controle que até hoje é mantido e que cada vez mais coloca a criança como principal sujeito a ser protegido, respeitada e com os direitos garantidos de vida.

A partir dessas reflexões podemos ver que ainda hoje, em nossa sociedade, perdura o mito da essência materna, do instinto natural da mulher para com a maternidade. Espera-se da mulher-mãe a dedicação total ao filho, a perfeição sem esforço, sem custo à saúde física e mental, afinal, é de sua natureza feminina cuidar. Porém, segundo Butler (2016), o gênero não é dotado de uma essência, e sim tem uma impressão, uma ilusão de essência que é mantida através da repetição de performances (BUTLER, 2016, p. 33). A natureza feminina, segundo essa visão, é um mito propagado por discursos reguladores que designam à mulher-mãe às performances da maternidade perfeita e indolor para que esta seja compreendida em sociedade.

A partir da perspectiva de performatividade do gênero, uma vez desessencializando o ser mulher e, portanto, a maternidade, podemos lançar luz ao terreno de batalha que é a performance da maternidade. Como não há, de fato, uma essência feminina, Butler (2016) diz que as performances prescritas para um ou outro gênero são arbitrárias e podem ser determinadas para beneficiar uma ou outra instituição ou grupo social (BUTLER, 2016, p. 243). As performances de gênero da mulher-mãe é, então, um campo de batalha cheio de constrangimentos que (de)limitam os contornos sociais do indivíduo, e as performances que lhe cabem para ser compreendida, de fato, enquanto mulher. Ainda assim, ainda que os estudos apontem que toda manifestação é uma performance diante do que é imposto para um indivíduo socialmente, Badinter (1985) diz que: “[m]esmo reconhecendo que as atitudes maternas não pertencem ao domínio do instinto, continua-se a pensar que o amor da mãe pelo filho é tão forte e quase geral que provavelmente deve alguma coisinha à natureza. Mudou-se o vocabulário, mas conservaram-se as ilusões” (BADINTER, 1985, p. 21). Ainda nessa perspectiva, a autora diz que:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito.

Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam (BADINTER, 1985, p. 22-23).

Nessa perspectiva os dois contos são contestadores dentro dos seus espaços de fala e suas propostas, pois no conto de Madalosso há uma narradora procura mostrar o outro lado da maternidade que é o mais próximo da realidade ao mesmo tempo em que é o mais escondido, beirando cenas que poderiam ser consideradas inadequadas por esse encobrimento da perfeição, como no trecho de abertura do conto em que a narradora já deixa claro o que ela sentiu logo após o parto:

É uma experiência tão acachapante que até a barriga demora para se tocar que algo aconteceu. Ela fica lá, grandona e oca, iludida de que ainda está cheia, de que ainda está abrigando alguém, e só depois de algum tempo volta ao normal. **A mulher também demora para voltar ao normal e, assim como a maioria das barrigas, nunca mais será a mesma.** Eu estava exatamente nesse estágio, deitada na cama da maternidade, **ainda fedendo a placenta**, ainda me adaptando a nova realidade, quando ele apareceu (MADALOSSO, 2016, p. 11- grifos meus).

Observando ainda os aspectos da narrativa, podemos perceber que por ser uma narradora-personagem que relata sua própria história dentro de um espaço de repressão e constrangimentos, encontramos também um fundo de veracidade e de confiança⁹³. Justamente por esse aspecto, a

⁹³ Sabe-se que dentro dos estudos literários o narrador em primeira pessoa é considerado o menos confiável, no entanto, acreditamos que dentro desse espaço onde a narrativa se constrói o narrador-personagem é extremamente relevante pois é o que permite as confidências e os relatos da personagem.

narradora se permite utilizar um vocabulário que choca, com adjetivos que nem todos narradores usariam ao falar de um nascimento, mas que subverte todo um pré-conceito de ideal materno e maternidade idealizada onde tudo é romantizado.

No entanto, o conto de Altair Martins nos leva para o extremo, para a performance que também foge as regras pré-determinadas de mulher-mãe, pois coloca a personagem em um espaço de defesa de um filho que se assemelha ao de uma fêmea protegendo sua cria que nem é, de fato, *sua* cria “(...) porque aquela era uma mulher que, perto das perto das seis horas, no inferno de um janeiro, sexta-feira, guiava em Porto Alegre uma fome larga de ser mãe” (MARTINS, 2002, p. 14). Ou ainda quando o narrador diz que:

Mas toda sexta-feira pareceria eterna a ela que, mãe, perdera o filho num janeiro também de agonia. Sextas-feiras impregnavam-lhe de algo que não sabia o que era, então adotava a palavra enjôo. Escondida no enjôo, era a agonia quem a iludia e a enjoava. E o calor: o filho queimava formigas e, despejando álcool muito próximo ao perigo do que é inflamável, o fogo alcançou-o. **Ela, que era sobretudo mãe, que vivia o que o filho vivia, ela viu dolorosamente o filho perder a pele que era a mesma sua pele. E desejou cobri-lo de mãe, se possível fosse, com a própria carne.** Mãe era doando vida, pois que era assim que ela se sentia (MARTINS, 2002, p.11-12 – grifos meus).

O que podemos perceber é que em *Ira das Mães* tal performance é completamente contraditória para a performance social de mãe, pois as atitudes da personagem beiram a insanidade de querer novamente o filho e, com isso, defende outra criança, pois seu instinto materno prevalece. Todavia, se observarmos a situação em que somos apresentados à personagem, colocando em evidência a sua fragilidade e a perda do seu filho, conseguimos perceber que sua performance seria a mesma da maternidade idealizada, no entanto, levada ao ponto mais alto da extremidade, o que mostra o quão frágil e limitada é essa performance, pois não permite com que essa mulher-mãe defenda outra criança, em outra circunstância, que não o seu próprio filho. O narrador em terceira pessoa torna-se interessante para a nossa análise, pois embora seja aquele em que os leitores poderiam confiar, ele também pode carregar preceitos dessa idealização da mulher-mãe que podem ser representados dentro do

discurso. Na narrativa, há uma mulher que beira a insanidade e que fala através do seu narrador e justamente esse processo é o que mais a anula na narrativa, pois não permite que ela coloque em evidência seus próprios questionamentos diante da situação em que se encontrava. A onisciência do narrador, portanto, pode ser questionada quando pensamos que ele também pode ser influenciado pelos ideais de performance contidos na sociedade.

Voltamos aqui para a ideia de (de)limitação, a performance que deveria ser fruto da ação do sujeito diante daquilo que ele tem vontade de fazer acaba por ser determinada socialmente, polida ao ponto de não permitir nem que a personagem sinta sua dor, nem que ela externalize de outra forma, ao mesmo tempo em que o discurso da outra mãe também mostra o quão limitada sua vida se tornará, quando afirma que ela nunca voltará ao que era antes.

As performances nos contos *Ira das mães* e *XX + XY*

O conto *XX + XY* apresenta uma relação entre mãe e filho em que a mãe se torna uma escrava da maternidade idealizada e vive para o bem-estar de uma criança. Durante a narrativa, encontramos trechos em que a mãe quer ir no banheiro, mas não consegue fazer essa tarefa sozinha, pois o filho precisa ser alimentado. Aqui a narradora mostra que não há outra opção:

[...] A mãe tem que por o bebê pra arrotar depois de cada mamada. E era isso que eu estava fazendo quando me deu uma baita vontade de ir ao banheiro. Eu já tinha voltado da maternidade. Estava em casa, sem ninguém pra me ajudar. Fui com meu filho no colo até o banheiro, abri a calça e sentei na privada. Caguei. E, enquanto isso ele regurgitou no meu colo. Um jato de leite azedo que escorreu pelo meu braço e pela minha barriga. Quanto tentei me limpar ele se mexeu de um jeito brusco e abriu a ferida do meu peito, que estava rachado. Comecei a chorar. E meu filho, sempre em simbiose comigo, chorou também. Nos acolhemos, nos grudamos um ao outro. **Uma bola de fezes, vômito e sangue, lágrimas e muco se amando intensamente** (MADALOSSO, 2016, p. 12-13 - grifos meus).

Nesse momento, o leitor parece ser convidado a quebrar alguns paradigmas, afinal, o que seria mais correto: deixar o filho por um instante, enquanto chora, ou alimentá-lo no banheiro? Mais que isso, a narradora apresenta um fato sem omitir aquilo que à desassossega, que causa desconforto. “A maternidade, descobri, é um ato de coragem porque quem ama com tanta intensidade se expõe ao mundo sem a pele” (MADALOSSO, 2016, p. 20). Essa mulher-mãe está descobrindo um novo universo de possibilidades e de performances ainda não pensadas por ela. Ela enfrenta calada momentos que são difíceis conseguir dividir com alguém, pois ninguém, que compreende a maternidade como algo intrínseco às mulheres, entenderia seu posicionamento e suas decisões antes de recrimina-la pelas mesmas, inclusive outras mães.

Era sábado à noite. Eu adoraria dizer que estava lendo um livro, assistindo uma peça, tomando uns drinks com os amigos. Mas sejamos sinceros: **nenhuma mãe recém-nascida faz nada disso**. Eu estava, para variar, indo trocar uma fralda. Só que, quando abri a gaveta, descobri que as fraldas tinham acabado. Lembrei que a Dandara tinha me dado uma de pano para experimentar. Peguei-a, enrolei em volta da bunda do meu filho e preendi com um alfinete, coisa que nunca tinha feito, tanto que me atrapalhei e espetei a barriga dele. **O sangue escorrendo naquela pele imaculada, me tirou do controle e trouxe à tona um monte de sentimentos que estavam socados dentro de mim** (MADALOSSO, 2016, p. 24 – grifos meus).

Percebemos que há muitas diferenças e muitas performances mascaradas de mulher-mãe nesse universo que a narradora nos apresenta, pois ao mesmo tempo em que ela admite que nenhuma mãe conseguiria sair com os amigos, ela também demonstra angustias que não divide com outras mulheres. Ao machucar o filho, ainda que sem a intenção, a narradora começa a refletir sobre aspectos da sua vida que ainda não são falados, angustias de mulher-mãe e uma falta de viver como mulher, antes de ser mãe. Voltamos aqui para o papel que ela desempenha e a sua performance de mulher-mãe que pode ser diferente da performance de outras mulheres, mas que ainda carrega suas similaridades no silenciamento. As performances também são impostas socialmente, afinal há, necessariamente, expectativas acerca do que é ser homem, mulher,

mãe, entre outras, sendo essas expectativas cumpridas, reforça-se um papel estereotipado e normativizado, ao mesmo tempo em que anula algumas realidades. Tratando ainda do papel da mãe e da responsabilidade de criar e cuidar de um filho, a narradora apresenta o momento onde a dor de uma mãe é completamente esquecida e descartável comparada às necessidades do filho. Relatando um momento em que o filho acaba bebendo sangue, pois o seu seio estava rachado ela diz:

Quando amanheceu, liguei para o pediatra, ansiosa por um alento, por uma medalha de honra na minha farda azeda de leite, e também por uma alívio, por uma autorização para minha teta ferida bater em retirada, mas o que ouvi foi apenas: pode continuar, não tem problema ele beber o teu sangue. Posso pelo menos tomar um analgésico?, perguntei. Não, ele disse, o analgésico passaria para o leite, não é bom para o bebê. Entendendo quem era prioridade naquela história que se repetia desde o surgimento do homem, voltei para a cama e dormi sem nem tirar os chinelos (MADALOSSO, 2016, p. 16).

Qualquer exaustão e/ou sofrimento de uma mulher, diante das necessidades de um filho, são anuladas. O que em um primeiro momento pode parecer um meio de mostrar o seu amor pelo filho, e socialmente é o que se espera de uma mãe, mostra também que a mulher deve se anular, esquecer qualquer uma de suas vontades, pois o papel social dela é ser mãe. Ela não tem direito de descansar, pois deve criar o seu filho acima de qualquer outra necessidade psicológica ou física que ela tenha, ou seja, sua performance de mãe é mais importante que sua performance de sujeito-mulher. Assim a narradora se esconde, ela não fala o que ela sente para as outras personagens, o leitor é como um confidente, um diário. Nenhuma de suas confissões são apresentadas às outras personagens, pois elas não entenderiam. Ela seria julgada porque é socialmente errado dizer que se está exausto de um filho, ou que não se tem vontade de levantar para alimentar um filho. Nada mais é importante além do filho, dessa maneira, a narradora se anula como mulher, para assumir o papel de mãe. Poderíamos retomar o que Badinter (1985) menciona no livro *Um Amor conquistado: o mito do amor materno* e assumir que a narradora é forçada a assumir um papel de mãe, imposto socialmente para que consiga ser aceita, de modo que inclusive anula suas

próprias vontades e angustias (BADINTER, 1985, p. 23). Ao mesmo tempo, esse leitor é real, um confidente que percebe e desconstrói junto com ela a perfeição da maternidade. Não se espera que uma mãe fale dessa forma, ou sequer julgue e critique um posicionamento médico, no entanto, ela o faz. Um exemplo é quando a narradora-personagem do conto nos fala do momento em que ficou grávida e como isso ocorreu:

Às vezes eu ficava olhando para o meu filho e pensando o que ia dizer quando ele me perguntasse como conheci o pai dele. Ou, pior ainda, o que ia dizer se ele me perguntasse em que situação ele foi concebido. Porque a verdade, claro, não envolve flores nem serenatas. Tampouco amizade ou singelo desejo de maternidade por trás de uma inseminação. A verdade, eu teria que dizer para ele, é que a mamãe andava tão a fim de dar que abriu as pernas para um cara de quem ela nem sabia o nome (MADALOSSO, 2016, p. 25).

Mostrando, nessa passagem e em outras, que essa performance de mulher-mãe, embora seja o esperado socialmente, é também o questionado, pois não é intrínseco a mulher, afinal “[...] mãe sofre minha filha, você vai ver. Ela nem precisava me dizer, eu já estava vendo” (MADALOSSO, 2016, p. 19). Todo esse sofrimento que a narradora do conto de XX + XY estava vendo também é representado pela personagem do *Ira das Mães*, aqui de forma distinta, pois não temos relatos do período em que a mulher-mãe esteve com o filho, apenas alguns *flashbacks* de sua morte onde há fogo, que se mistura com o calor de Porto Alegre e levam-na a defender uma criança que é moradora de rua, como defenderia o seu próprio filho.

E protegendo o filhote é que ela agiu: com os braços fortes de tantas madrugadas a embalar o filho, atirou a ofensa daquele homem de encontro a lata do automóvel e, contra a porta, bateu e bateu, e bateu lembrando a dor com que batera à porta do quarto vazio do seu filho após o retorno ingrato da missa de sétimo dia. [...] Como se, por instantes, as forças dessem trégua, ela viu muito sangue. ‘Cordão umbilical cortado não sai tanto sangue assim’, estranhou (MARTINS, 2002, p. 15-16).

O sofrimento aqui é por “deixar de ter”, “perder”, beirando ao que pode ser compreendido como uma irresponsabilidade materna, perder o filho para o fogo, no qual toda a sua performance de mulher-mãe foi perdida, pois se não há mais o filho para ela não havia mais mãe também. Ela perdeu sua própria carne, perdeu sua própria vida ao perder o filho. No entanto, ao ver esse homem que desrespeitou o filho de alguém, ela, mulher-mãe, reage e ao passo que lembra do filho, lembra dessa outra “cria” na rua e seu *instinto materno* ou sua performance de mãe é manifestado novamente. Diferentemente do conto *XX + XY*, somos apresentados a uma mulher que sentia a maternidade como algo intrínseco a ela, algo natural e que ela se preparou a vida toda.

Ela se sentia mãe assim: o único filho que a tornava mãe então se consumia, morrendo então a água no corpo e ela viveria então o quê? Ai aquela água que escorria, ai aquela carne rosa por debaixo da vida, ai aquilo tudo naquele filho todo. ‘Tá queimando, mãe, tudo’. E nela queimavam os olhos e os seios grandes que hidrataram a boca do filho um dia. **A boca mamando era bonita, muito bonita, e ela adorava vê-la colada ao bico do seio – porque adorava ser mãe**, porque adorava seu filho, porque amava tudo e sobretudo vivê-lo. **Porque ela, a vida inteira, preparou-se não para o primeiro homem, não para as suas aulas, que era professora de Educação Física, mas para ser mãe, e sentia tudo dentro dela movimentar-se para isso**. Sua vida era escutar frases, longas ou curtas, alegres ou tristes, não importava, mas que tivessem um cantinho para a sua palavra, que era mais um estalo de vida: mãe. O filho dizia ‘mãe, posso isso?’, ‘posso, mãe, isso?’, ‘posso isso, mãe?’ – e sempre, em qualquer posição, Mãe era música de agitar-lhe o sangue (MARTINS, 2002, p.12 – grifos meus).

Esse trecho mostra quase uma gratidão e determinação da personagem em ser mãe, independentemente de qualquer outra coisa para ela ser mãe era parte de sua vida. Para ela, possivelmente, a performatividade da maternidade idealizada seria facilmente preenchida, e possivelmente foi durante o tempo em que ela esteve com o filho. No entanto, a perda desse filho para o fogo desestabiliza a personagem, da mesma maneira que perder o filho nessas circunstâncias já mostra uma

falha nessa performance que possivelmente é tão grave para a própria personagem, quanto socialmente. Em contrapartida, a personagem, ainda no seu período de luto, acaba (re)assumindo o que ela, de fato, não queria perder: seu papel de mãe. Sua performance deveria ser mantida e foi nesse impulso de defesa que ao ver um menino no sinal pedindo dinheiro entre os carros e um homem, que ao invés de dar-lhe uma moeda ou não dar-lhe nada, queimou o cigarro na mão da criança, ela:

[...] que esperava absorva o sinal, ela tinha um grito, um grito mais fogo que o fogo: e abaixou o vidro e gritou àquele homem toda a sujeira que uma **mãe suporta limpar e calada**. Em troca, ele esfregou o contorno do queixo que não percebia ser ridículo e montou, com o dedo pai-de-todos, gesto que ela e a memória gastaram segundos para reconhecer: era aquilo que primeiro a fizera mulher e depois, mãe. Como se não bastasse, ele perguntou se ela não estava precisando de homem não, porque se estivesse, que chupasse o dedo saliente nas juntas e feio, muito feio, daquele homem nojento de cavanhaque e que queimava a mão das crianças e ofendia as mães. Não, ela não precisava de homem algum, ela já havia vencido essa etapa de mulher e seus calores, **precisava era de se sentir mãe de novo** e, crescendo como tal, sentiu-se tão amargamente forte, que adotou aquela dor de criança que ainda chorava, olhando atrás da lágrima, a palma queimada da mão. A palma queimada da mão - 'tá queimando, mãe, tudo'. [...] 'Eles não merecem', pensou ela e, balançando a cabeça, ia olhar para a frente (MARTINS, 2002, p. 13-14 - grifos meus).

Não obstante, a personagem assume novamente esse papel, pois se coloca nesse espaço de ausência e resistência. Ao passo que o menino não teria ninguém para defendê-lo no momento, ela também sentia que deixar aquilo acontecer não era desempenhar sua performance de mãe. Ela assume tal papel, lembrando de todas dificuldades que passou enquanto mãe, de tudo que teve que limpar e silenciar, da mesma forma que a narradora-personagem XX + XY demonstra. A personagem precisava sentir isso de novo, pois para ela isso é intrínseco, todas as coisas que são desagradáveis, bem como o que é prazeroso conta para a personagem como uma forma de mostrar o quanto ser mãe é significativo para ela, de modo que há uma completa idealização da maternidade. Isso

fica claro, quando no conto em meio a defesa da criança, a personagem age.

‘É que ele é homem: homem nenhum jamais machuca filho meu’, doeu-se. Dentro do carro, castelo dos homens, ele se sentiu seguro, como num útero. **Mas agora – ela era mãe, não era? – ela iria arrancá-lo porque aquele seria o momento de mostrar-lhe o mundo.** Como se ele adivinhasse que aquela mulher viria pari-lo do carro, o homem tentou esconder-se fechando o vidro. Mas era tarde: a bolsa já rebentara, a porta do carro já estava aberta. Buzinas anunciavam o sinal verde, mas ela, fixa nos olhos apavorados dele, **puxou-o para fora do carro com uma força que equivalia à dor de parir e de ser mãe.** Uma força de pôr um homem de joelhos e depois, num segundo empurrão, as mãos dele se agarrando no ar e os olhos de quem vem ao mundo, dar-lhe um tapa seco no rosto. **Como homem, ele poderia bater numa mulher, nunca numa mãe. As mães tinham mais força que os filhos.** E havia surpresa, causada por ela, que o tornava vulnerável. E entretanto houve ainda mais, porque ela era a mãe ofendida na sua nobreza simples de mãe, que é proteger o filhote (MARTINS, 2002, p.15 – grifos meus).

Percebe-se a ira que beira o animalesco, uma fêmea feroz que defende e se expõe pela sua cria. Simone de Beauvoir (2016) apresenta essa relação da mulher com outras fêmeas no livro *O Segundo Sexo*, dizendo que:

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a

mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozóide; monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados; a fêmea do louva-a-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e o devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás uma esteira de odores perversos; a macaca exhibe-se impudentemente e se recusa com faceirice hipócrita; as mais soberbas feras, a leoa, a pantera, deitam-se servilmente para a imperial posse do macho. Inerte, impaciente, matreira, insensível, lúbrica, feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo. E o fato é que ela é uma fêmea. Mas se quisermos deixar de pensar por lugares-comuns, duas perguntas logo se impõem: Que representa a fêmea no reino animal? E que espécie singular de fêmea se realiza na mulher? (BEAUVOIR, 2016, p. 31).

O animalesco ao comparar-se com o humano ganha aspectos pejorativos, tiram a sanidade dessa mulher. Comportar-se de forma não racional e mais instintiva, para uma mulher, é como uma afronta, como voltar a um espaço primitivo. Logo, acreditamos que essa animalização da personagem é o que a tira de sua performance de mulher-mãe, pois ainda que compreendamos que socialmente há um padrão imposto que prevê uma performance já pré-definida para as mães, há também as definições que delimitam esse espaço, e que ao mesmo tempo, curiosamente, parece ser aceito pois volta-se ao papel de defesa de uma mãe. Observemos que ela não desempenha um papel de mulher histérica, mas de mãe, de fêmea que defende sua cria. Dessa forma, o que é animalesco e assusta é ao mesmo tempo “perdoável” no conto. Há, portanto, diferenças visíveis dentro das performances de mulher e mulher-mãe. A atitude da personagem, ainda que representada no conto como quase um culto a maternidade e defesa do filho, torna-se tão extremada que beira a insanidade dessa mulher, outro conceito diretamente ligado a mulheres e que carrega uma carga pejorativa – a histeria da mulher sem filhos, conceito que vem da psicanálise de Freud que ainda permanece arraigado socialmente. Segundo Cristina Marcos (2007), ao falar sobre o conceito de histeria do Freud diz que:

O recobrimento constante feito entre a histeria, a maternidade e o feminino revelam a dificuldade da mulher em se situar, em se definir, fora da referência ao falo. Na falta de um significante que a nomeie, a histérica recorre ao falo. A posição histérica é tão somente uma resposta à falta de significante, para ser uma mulher, ela se dirige ao falo pela via da identificação. Nesse caso, ela se situa do lado do homem, cuja referência não é outra além do falo.

A significação da maternidade, para Freud, estaria na equivalência entre a criança e o falo como resposta à castração. Penso, aqui, na função de tamponamento do furo que a criança pode ter com relação à mãe. A criança, destinada a preencher a falta a ser da mãe, pareceria tecer um véu sobre a castração materna (MARCOS, 2007, p. 36).

A personagem ao perder o filho necessitaria encontrar uma outra criança, reassumir essa maternidade, no entanto, a medida em que a personagem assume essa defesa animalesca, ela é desumanizada. O que justifica a ação de mãe, também é o que leva ela a loucura, pois ao mesmo tempo que compreendemos a ira, também não podemos deixar de observar o quanto isso toma conta da personagem, a ponto de ela ficar cega para qualquer outro ocorrido e apenas observar esse homem com raiva e essa criança com piedade. Portanto, em uma sexta-feira escaldante em Porto Alegre, em um semáforo, sem se importar com mais nada que acontece, essa mulher-mãe:

Acuada, empurrada pelas costas, guspida pela frente, ofendida dos dois lados, ela sorria por dentro de puro amor de mãe. Amor de mãe é amor que homem não entende, porque foi concedido a eles um coração mais fraco. Por isso gritavam, buzinavam, discutiam – é que seus corações não agüentariam aquilo tudo sem um infarte em troca. Eles jamais se dariam a entender: que só as mulheres seriam passíveis de entendimento (MARTINS, 2002, p. 16-17).

Mesmo com toda humilhação recebida a performance de mulher-mãe foi mais predominante nessa mulher, o que nos faz pensar que seja possível compreender o quanto a própria imposição do ideal materno seja predominante. Todo o seu sofrimento tenham levado ela a insanidade,

no entanto, é importante deixar claro que, para a personagem não houve rompimento com sua performance de mãe. Para ela era claro que todas mulheres entenderiam sua atitude.

Vejamos com mais detalhes a postura no conto XX + XY: uma mulher que mesmo sem ter a intenção de ter um filho, tem. Mesmo sofrendo com desafios da maternidade e de ser mãe solteira, aguenta. Mesmo querendo falar, se cala, sendo somente o leitor o seu confidente. Notamos assim o cenário das performances dessa mãe como ricos em constrangimentos que delimitam, de fato, as performances prescritas ao sujeito-mãe, ao mesmo tempo que desmascara o mito da essência materna atribuída ao sujeito marcado como feminino. Ao mostrar o que realmente se passa nos momentos privados, na mente e no particular dessa mãe enquanto não está sendo observada, a ilusão de instinto materno cai por terra, mostrando que a perfeição materna, o amor constante, incondicional e puro, sem peso e custos para a mãe, é nada mais que uma performance prescrita e não uma essência que emana.

Agora observemos a mãe do conto *Ira das Mães*: uma mulher que sempre desejou ter um filho e que quando o filho morre sofre muito, sofre a ponto de defender qualquer possível filho na rua, uma mulher que em um ato de exacerbação do seu sofrimento bate em um homem e logo em seguida o perdoo, pois ele é filho de alguém.

As mãos entre os cabelos vermelhos do sangue de um alguém qualquer de cavanhaque, os dedos dela nos contornos da orelha dele, o piscar de olhos de quem castiga, mas educa – tudo naquela mulher era um tudo de carinhos de mãe. ‘Eu te perdôo, meu filho, eu te perdôo’, teria dito, se às mães não fosse dado também o mesmo nó que aparece no perfil da garganta dos homens, e que à mulheres é dado surgir do coração somente nos momentos mais significativos. ‘Não ofende mais a tua mãe, meu filho. A língua fica seca!’ E foi depois de tudo aquilo, em Porto Alegre, sete horas, numa sexta-feira de um janeiro quente em que se precipitavam alguns respingos de chuva, que ela percebeu que havia quase matado o mais recente filho de si: aquele filho que a ofendera seria agora um homem, porque nascia aprendendo a respeitar as mães. Havia nela então alívio por ter dado a lição certa na hora certa, não a um homem, mas a um filho de alguém (MARTINS, 2002, p. 19).

Um filho de alguém que também poderia ser seu filho e carregando todo o sofrimento de uma mãe, assim como a narradora-personagem de *XX + XY* carrega, no entanto, manifestando de outra forma. Nesse ponto podemos percebemos o quanto de similaridade poderíamos encontrar nessas duas performances quando tratamos de sofrimento. Mais do que isso, essa performance imposta socialmente, assim como tantas outras que não caberiam nesse artigo podem ser consideradas destruidoras da própria individualidade dos sujeitos. Não se trata aqui de pensar na performatividade das nossas ações, pois elas deveriam ter espaços distintos e abertos, no entanto, o que nos deparamos são performances impostas que anulam os sujeitos, que os colocam em posições desconfortáveis para, logo em seguida, os deixá-los desconfortáveis com suas próprias ações e/ou por agirem da maneira que era esperado. Basta observarmos as ações das duas personagens, que ao tentarem seguir uma performance ideal, colocam-se em situações onde o desconforto interno e a cobrança delas mesmas foge do controle.

Conclusão

As mulheres-mães nos contos apresentam perspectivas de maternidade diferentes, vivências por muito distintas, enquanto uma procura mostrar as dificuldades em ser mãe, a outra procura deixar claro que todas essas dificuldades não passariam de pequenos obstáculos do prazer que é ser mãe. Até aqui, os contos *XX + XY* e *Ira das Mães* parecem se distanciam quase que por completo, pois mostram perspectivas diferentes acerca da maternidade idealizada. À primeira vista, seria facilmente possível defini-los como contos que mais divergem entre si, considerando, também, o posicionamento das personagens diante de seus filhos e suas próprias angústias.

Todavia, ao observarmos as manifestações de performance de mulher-mãe nos contos o que podemos contatar é que ambas personagens sofrem a imposição de uma idealização materna em que erros não são permitidos, as falhas são sempre colocadas como problemas que deveriam ser resolvidos pelas mães e que as anulam como sujeitos-mulheres, ou seja, não consideram que seus sofrimentos são parte do processo da maternidade. Ainda que a personagem em *Ira das Mães* tenha idealizado a maternidade durante toda sua vida, podemos observar que o acidente corrido com o seu filho foi o que permitiu o seu sofrimento, ou seja, a

falha diante de errar como mãe, e tal sofrimento imposto socialmente pela vontade de ser mãe e pela culpa por não conseguir cumprir com o papel que ela sempre esteve disposta são reflexos de uma idealização de perfeição. Nessa mesma perspectiva o conto XX + XY mostra o quanto a performance de mulher-mãe anula quase que totalmente a performance de mulher, colocando-as como antagônicas socialmente, de modo que enquanto é-se mulher atitudes e performances são permitidas, mas quando é-se mulher-mãe muitas delas devem ser abandonadas. Encontramos aqui as angustias dessa mãe que ao sentir dor em seu próprio corpo não pode tomar nenhuma atitude, pois esta certamente irá interferir no desempenho e desenvolvimento do filho. Logo, nos dois contos compreendemos que há uma anulação na performance de mulher em que principalmente os sentimentos e angustias das personagens são esquecidos e quando manifestados sofrem estigmas e, ainda que, a idealização da maternidade seja, para as personagens, espaços de compreensões diferentes, as duas permanecem dentro de uma performance idealizada e ainda que desviem da regra de forma diferente são subjugadas pelo mesmo padrão de performatividade previsto socialmente dentro dos espaços narrativos.

Por fim, o antagonismo inicial que podemos extrair dos contos pelas performances de mulher-mãe caem por terra quando observamos que todas as performances prescritas e apresentadas sofrem influência direta de uma performance padrão e imposta socialmente, ao passo que também fica evidente o quão falha tal idealização da maternidade é, e quanto o ideal de perfeição não passa de uma padronização do sujeito-mulher que insiste em colocar as personagens dentro de espaços possíveis de performances que são inatingíveis.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MADALOSSO, Giovana. *A Teta Racional*. São Paulo: Grua. 2016.

MARTINS, Altair. *Se choverem pássaros*. Porto Alegre: WS Editor, 2002.

MARCOS, Cristina. *Figuras da maternidade em Clarice Lispector ou a maternidade para além do falo*. *Ágora* (Rio J.) vol.10 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2007.

PERROT, Michelle. O sexo das mulheres. In: *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2º edição, 2017.

PERROT, Michelle. A maternidade. In: *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2º edição, 2017.

TOURINHO, Julia Gama. *A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade*. IGT na Rede, v.3, n.5, 2006. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/view/1710/2342>>. Acesso em: 06/06/2017.

Recebido em: 17/01/2018

Aceito em: 25/02/2018